

ESPECTADOR COMPROMETIDO



Por: José Lapa

És a terra em que repouso. Não paisagem, não Madre Terra nem raptada ninfa de bosques e montanhas. Terra humana em que me pouso inteiro e para sempre.

Jorge de Sena in Conheço o Sal... e outros poemas, 1974

Cada vez que reúne o Conselho Europeu, fico fascinado: carros topo de gama a entregarem os líderes à sua missão; larga e longa passadeira vermelha; jantares de encerramento opíparo; largos sorrisos de satisfação. Uma imagem admirável de glamour e fausto. Há dias, um velho conhecido que sempre se enredou em catecismos políticos de esquerda, envia-me uma mensagem: «Olá pessoal, eu não gosto da direita, mas gosto dos dizeres deste político que diz tudo claro sem papas na língua e que algumas coisas todos sabemos e

Por uma ditadura de pessoas de bem

vemos... E depois de o ouvirem, tirem as vossas ilações do voto nas próximas eleições legislativas...» (anexa um vídeo de André Ventura). O texto tem erros ortográficos que tive o trabalho de corrigir. Entretanto, por entre dois descontraídos cafés, um amigo também ele de esquerda, meio a sério e meio a brincar, mas mais a sério que a brincar, dizia-me «não era tão bom termos uma ditadura de esquerda?». Perguntaram a Trump se caso vencesse as eleições seria um ditador, ao que este respondeu «só no primeiro dia», do resto da nossa vida, acrescento eu. Parece que as pessoas ensandeceram e desataram a apaixonar-se por vivências ditatoriais que nunca viveram. As ditaduras, ou o desejo delas, é assim uma forma de combater as pústulas da democracia: a **vaidade** (a Sra. Christine Lagarde, aumenta desmesuradamente os juros, sugere o fim das políticas sociais, enquanto vai colecionando malas), as **negociatas** (o lítio contendo, na sua estrutura, três prótons e três elétrons, derruba colateralmente um Governo), as **partidárias** (que colonizaram o Poder onde manda quem não foi eleito), as **crises** incontornáveis (inflação, juros, desemprego, fome), a **ética** e a falta dela (que torna a política uma maçada, como dizia Sá Carneiro), as **fake news** (que condicionam o voto), as **guerras** vorazes (Ucrânia, Gaza); as **religiões** (inventadas por divindades,

criadas para a harmonia e a paz, que fomentam guerras fratricidas), as **redes sociais** (converter o íntimo e o privado em comunicação pública). Um cardápio que alimenta o desejo de se experimentar uma boa ditadura de pessoas bem. Sim, porque estas pessoas dizem verdades. Hoje, interessa pouco ser de esquerda ou direita, ou centro já agora, o importante é eleger esta gente de verdade e de verdades. Como escreve José Carlos Barros, num romance admirável, «Do que se precisava era de pulso. A pôr a ciganada na ordem. De uma ditadura das pessoas de bem» (As Pessoas Indivisíveis, 2022). Mas isto, tudo isto, tem um nome simples: dinheiro. John Taylor, num ensaio devastador, escreveu que «o dinheiro é bom, parece evidente que o comportamento necessário para acumular dinheiro é também bom» (O Circo das Vaidades – A Cultura da Riqueza e do Poder, 1989:18). Um sarcasmo que evidencia uma ferida profunda da economia moderna, como denuncia Amartya Sen, Nobel da Economia: «...o contraste entre o carácter consciencioso "não ético" da economia moderna e a evolução histórica da economia moderna como um derivado da ética» (Sobre ética e Economia, 2012: 20). E para terminar, talvez selar a citação inicial de Jorge de Sena, com Karl Lagerfeld: «Tenho os pés bem assentes na terra. Mas não nesta terra.»

O Mundo Ao Contrário

a Declaração Universal dos Direitos Humanos define regras para proteger as pessoas. Um guia humanista e intemporal que define os princípios básicos de uma sociedade democrática onde estão presentes os valores da dignidade humana, da liberdade, da igualdade e da não discriminação. Hoje, mais do nunca, importa recuperar este documento que é, segundo o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, um «testemunho vivo da humanidade». A sua mensagem, divulgada a 10 de dezembro, é profunda e acutilante e muito clara quando refere que «o mundo está a perder o rumo» e a «afundar-se em conflitos e desigualdades». Não descurou a propagação do autoritarismo, a diminuição do espaço cívico, o estrangulamento dos meios de comunicação e a perda dos direitos das mulheres.

Estes perigosos retrocessos estão em curso e à vista de todos nós. Ainda na semana passada, António Guterres, recorreu ao artigo 99.º da Carta da ONU face à necessidade de proteger, de acordo com o direito humanitário internacional, as populações civis palestinianas e israelitas. A resolução de apelo ao cessar-fogo em Gaza apresentada ao Conselho de Segurança da ONU, mereceu 13 votos a favor e uma abstenção do Reino Unido, mas foi rejeitada com um voto dos Estados Unidos, que, como membro permanente do Conselho de Segurança, detém o poder de veto. Uma decisão desumana que condena à morte

milhares de mulheres, homens e crianças. Acompanha esta desumanização o uso da Inteligência Artificial (IA) nos diversos cenários de guerra em curso. A capacidade de localizar, selecionar e atacar alvos deixou de ter intervenção humana. São máquinas detentoras de total licença para matar e que passaram a ser motivo de regozijo daqueles que já foram alvo de extermínio durante o Holocausto.

Também a 10 de dezembro o Prémio Nobel da Paz de 2023 foi entregue à ativista e jornalista iraniana, Narges Mohammadi, reconhecida pela sua luta contra a opressão das mulheres no Irão e pela sua luta para promover os Direitos Humanos. Contudo esta ativista está detida no seu país e iniciou, precisamente neste dia, uma nova greve de fome. O prémio será recebido pelos filhos que não vê há 8 anos e é na defesa dos Direitos Humanos que encontra a sua força. Referiu que «Nada me vai travar. Nada. Nem a prisão, nem a tortura psicológica, nem o confinamento solitário, nem as sentenças atrás de sentenças». Somam-se 13 detenções, 5 penas de 31 anos de prisão no total e 154 chicotadas. «Vou defender a liberdade e a igualdade, mesmo que isso me custe a vida.», remata. Assim vai este mundo, literalmente ao contrário. A magnitude da perda de vidas humanas perpetrada pelos defensores da guerra contrasta com a defesa, quase solitária, daqueles que ainda tentam encontrar, para todos, uma vida de paz. Despeço-me com amizade e gratidão.

TONDELA E VOUZELA UNIDOS NA PROMOÇÃO DO TURISMO FERROVIÁRIO



Os municípios de Vouzela e Tondela viram aprovada a candidatura "Viajar no Tempo – Ferrovia entre o Vouga e o Dão", apresentada ao programa "Transformar Turismo", e que visa a criação de um novo produto turístico de valorização do património ferroviário e que ligará o Museu Nacional Ferroviário à região de Viseu Dão Lafões, nomeadamente aos concelhos de Vouzela e de Tondela.

Com um investimento total de 608.328,19 euros, a candidatura, liderada pelo Município de Vouzela, prevê a beneficiação e a musealização de três antigas estações ferroviárias: a Estação Ferroviária de Vouzela, a Estação Ferroviária de Moçamedes (Vouzela) com instalação de um Welcome Center e a Estação Ferroviária de Tonda (Tondela), no concelho de Tondela. Além

disso, serão também alvo de restauro/musealização as locomotivas na vila de Vouzela e em Real das Donas, bem como outros recursos ligados à história da ferrovia, como por exemplo a Ponte Ferroviária de Vouzela.

Para Rui Ladeira, presidente da Câmara Municipal de Vouzela, este é um projeto "diferenciador", na medida em que "diz muito às populações do ponto de vista afetivo".

Segundo o autarca trata-se de "uma oferta turística rica em história e em saberes, que vai permitir viajar no tempo a quem usufrui da ecopista, a quem nos visita e quem teve estas vivências", adianta.

"É também um projeto inovador que promete enriquecer a experiência turística da região e celebrar o rico património ferroviário que temos o privilégio de possuir, valorizando uma das

principais atividades económicas da nossa região", acrescenta Carla Antunes Borges, presidente da Câmara Municipal de Tondela.

Com base na valorização do património ferroviário existente, os autarcas dos dois concelhos acreditam que vai ser possível potenciar e diversificar a oferta turística em Vouzela e Tondela, mas também na região Viseu Dão Lafões e na região centro, com a ligação ao Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento.

Apresentada ao programa Transformar Turismo gerido pelo Turismo de Portugal, a candidatura vai ser implementada nos próximos dois anos e tem também como parceiros o Município de Oliveira de Frades, a Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões e o Turismo de Portugal.

TONDELA É MUNICÍPIO FUNDADOR DO PROJETO «CONCELHOS ATIVOS»

A Câmara Municipal de Tondela recebeu a distinção de município fundador do programa "Concelhos Ativos", lançado pela Associação Portuguesa de Gestão do Desporto. Na cerimónia de lançamento, foi anunciada a distinção de Tondela e dos primeiros 29 Municípios como "Fundadores" do programa. A missão passa por trabalhar e cooperar nos próximos 12 meses, visando atingir os indicadores previstos no Programa Concelhos Ativos.

Com a participação dos 30 municípios, o programa abrangerá um total de mais de 2 milhões de pessoas, marcando um passo significativo em direção à promoção de um estilo de vida mais ativo e saudável.

A distinção foi entregue ao vereador responsável pelo pelouro do Desporto, Francisco Fonseca, que participou no XXIV Congresso Nacional de Gestão do Desporto, dedicada à temática "Governança na Gestão do Desporto: Inovação e Boas Práticas". "A atividade desportiva continua a ser um serviço essencial no desenvolvimento do concelho, tanto na vertente competitiva, federada, como na vertente de lazer ou recreação. Os projetos desportivos municipais possuem uma componente social incontornável, orientando-se, essencialmente, para a promoção da saúde e bem-estar dos cidadãos", salientou.

O programa "Concelhos Ativos" destina-se aos municípios interessados em aderir a um sistema de reconhecimento e certificação de políticas públicas, o qual é fundamentado em padrões internacionais com o objetivo de reconhecer, certificar e validar os municípios com base em estratégias operacionais adotadas.